



SINOPSE SINTIUS

Informativo do Sindicato dos Urbanitários

21/12/2021

Disponível em nosso site: <https://sintius.org.br>

Orçamento prevê salário mínimo de R\$ 1.210 em 2022, sem ganho real

O relator-geral do Orçamento, deputado Hugo Leal (PSD-RJ), aumentou levemente a previsão do salário mínimo para 2022, de R\$ 1.169 para R\$ 1.210. Mesmo assim, esse será o terceiro ano seguido sem reajuste real.

A conta do reajuste para 2022 considerou uma projeção para o salário mínimo feita pelo Ministério da Economia em novembro. No substitutivo, no entanto, Leal estima um INPC de 10,18% em 2021 —o que levaria o mínimo para um valor maior, de R\$ 1.211,98.

O valor consta do parecer final divulgado na madrugada desta segunda-feira (20). A previsão inicial era que o texto fosse votado nesta segunda-feira (20), mas, devido a divergências sobre valores destinados à Educação e em meio à pressão da segurança pública para reajuste salarial, o texto só deve ser apreciado na CMO (Comissão Mista de Orçamento) nesta terça (21).

Pelo estudo, o aumento do salário mínimo elevou sobretudo as remunerações dos trabalhadores na base da distribuição de renda, como era esperado. Mas, ao mesmo tempo em que os brasileiros que recebiam o piso foram diretamente favorecidos.

O ministro Paulo Guedes (Economia) afirmou em 2020 que conceder um aumento maior no salário mínimo geraria demissões e condenaria pessoas ao desemprego. Segundo o ministro, é preciso "ter cuidado" com a hora para fazer esse tipo de ajuste.

"Você está no meio de uma crise de emprego terrível, todo mundo desempregado. Se você dá um aumento de salário, você vai condenar as pessoas ao desemprego. Então, nós temos que ter cuidado", disse na época.

Saiba mais em: **Folha de São Paulo, terça-feira 21 de dezembro.**

INSS: saiba quando se aposentar e como simular valor do benefício

Uma das opções é entrar no portal, ir em Serviços, em Mais acessados e clicar em Simular Aposentadoria. Lá será informado o tempo total de contribuições que já se possui. Serão demonstradas, ainda, as opções de benefícios que podem estar disponíveis para o seu caso ou a previsão para obter a aposentadoria.

"É muito importante fazer simulações porque, com a reforma da Previdência, quem já contribuía antes deve se enquadrar em alguma regra de transição", diz a advogada Karla Duarte Pazetti.

As simulações são feitas com os dados que constam no Cadastro Nacional de Informações Sociais (Cnis) do INSS. Entretanto, o Governo Federal faz uma ressalva: as informações servem apenas para consulta. Não são, portanto, prova final de que se tem direito ao benefício.

"As pessoas têm de tomar cuidado com o simulador, porque nem sempre as informações estão corretas. Depois, a aposentadoria vem com o que está lá. Quando faltarem informações, elas terão de corrigir. Por exemplo: faltou um período que estava na carteira de trabalho ou informações de um processo trabalhista que o segurado ganhou. Esses documentos terão de ser apresentados ao INSS", avisa o advogado João Badari.

A simulação também pode dar uma ideia do valor da aposentadoria. Caso faltem cerca de cinco anos para adquirir o direito à concessão do benefício, será apresentado um cálculo preliminar. A conta é feita com base nos recolhimentos para o sistema de Previdência feitos ao longo da sua história de trabalho. A partir daí, o INSS calcula a média de todas as contribuições feitas a partir de julho de 1994.

Com isso, para alcançar o valor integral da aposentadoria, elas devem contribuir por 35 anos. Para eles, esse tempo sobe para 40 anos. Essa é a regra geral, válida após a reforma da Previdência. Há exceções, como casos em que o segurado já tinha direito adquirido.

Saiba mais em: **A Tribuna, terça-feira 21 de dezembro.**

Projeção de crescimento do PIB do Brasil em 2021 é reduzida pela 10ª semana

O mercado reduziu pela 10ª vez seguida a expectativa para o crescimento da economia brasileira neste ano, ajustando levemente as contas para a inflação, mostrou a pesquisa Focus divulgada pelo Banco Central nesta segunda-feira (20).

Segundo a pesquisa realizada com uma centena de economistas, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro deve crescer 4,58% em 2021, redução significativa ante a expectativa de alta de 4,65% na semana anterior.

Para 2022, os especialistas seguem vendo expansão econômica de apenas 0,50%.

Os especialistas consultados semanalmente pelo BC ainda ajustaram o cenário para a inflação, vendo alta do IPCA de 10,04% este ano e de 5,03% no próximo, contra 10,05% e 5,02% antes, respectivamente.

A conta para este ano fica bem acima do teto da meta de 3,75% com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou menos. Para o ano que vem o centro do objetivo é de 3,50%, com a mesma margem.

Em relação à taxa básica de juros, permanece a expectativa de que a Selic encerre 2022 a 11,50% e 2023 a 8,0%.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, terça-feira 21 de dezembro.

Brasil deve completar 16 anos de crescimento abaixo da média mundial

A economia brasileira deve completar pelo menos 16 anos de crescimento abaixo da média mundial, período que teve início no governo Dilma Rousseff e pode se estender até o final do próximo mandato presidencial.

É o que mostra levantamento com dados e projeções do FMI (Fundo Monetário Internacional) e da pesquisa Focus do Banco Central feito a pedido da Folha e que complementa um estudo dos economistas Marcel Grillo Balassiano e Samuel Pessôa divulgado pelo FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas).

Desde 2011, o país vive uma combinação de períodos de recessão, estagnação e baixo crescimento, com números distantes daquilo que é visto no nível global. Também se destacam no período ações de governo para desmontar políticas de controle de gastos, com reflexos no câmbio e na inflação, problemas vividos também atualmente.

O PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro cresceu 1,4 ponto percentual abaixo da média global desde 1987, período estudado pelos pesquisadores. Na média, o país cresceu 2% ao ano, enquanto o mundo avançou a um ritmo de 3,4%.

Essa defasagem foi revertida apenas em alguns anos dos governos Itamar Franco, FHC e Lula. Considerando a média nos oito anos de cada gestão, o Brasil cresceu abaixo do ritmo mundial mesmo nos governos do tucano e do petista.

No atual governo, a diferença deverá ficar negativa em 2 pontos percentuais. Apesar de a pandemia ter atingido todas as economias, o Brasil teve retração maior que a média global em 2020 e deverá crescer menos que o mundo em 2021 e 2022.

A diferença na gestão atual será superada apenas pela do período Dilma-Temer (2011-2018), quando o PIB cresceu 2,9 pontos por ano, em média, abaixo do resultado mundial. No próximo governo (2023-2026), a diferença deve voltar à média de 1,4 ponto ao ano, desde que o Brasil consiga retomar o ritmo de crescimento de cerca de 2% ao ano.

Essas questões também foram apontadas em outros trabalhos de Samuel Pessôa, que é pesquisador do Ibre e colunista da Folha, e Marcel Balassiano, atualmente subsecretário de Desenvolvimento Econômico e Inovação da prefeitura do Rio de Janeiro e pesquisador licenciado do Ibre. O estudo foi elaborado antes de o economista assumir o cargo público.

Como o modelo considera períodos de oito anos e dados já verificados, não foram realizados cálculos para a tendência do PIB per capita em dólares a partir de 2019. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e projeções do mercado mostram que o indicador em reais deverá continuar abaixo do pico de 2013 nos próximos anos.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, terça-feira 21 de dezembro.